

O sul do Brasil era uma região de permanente conflito entre as coroas de Portugal e Espanha durante os séculos XVI ao XVIII. Em 1750, tentou-se resolver a disputa com o Tratado de Madri que visava estabelecer uma nova fronteira entre as colônias. No acordo, os portugueses iriam entregar a colônia de Sacramento que fundaram dentro do território espanhol, e os espanhóis dariam a Portugal todos os Sete Povos das Missões e o território conquistado até o Mato Grosso.

Ficou decidido entre as coroas que os jesuítas e os índios sairiam do território para refundarem as reduções do outro lado do rio Paraná. O problema é que não perguntaram para os guaranis se eles queriam sair; e eles não quiseram.

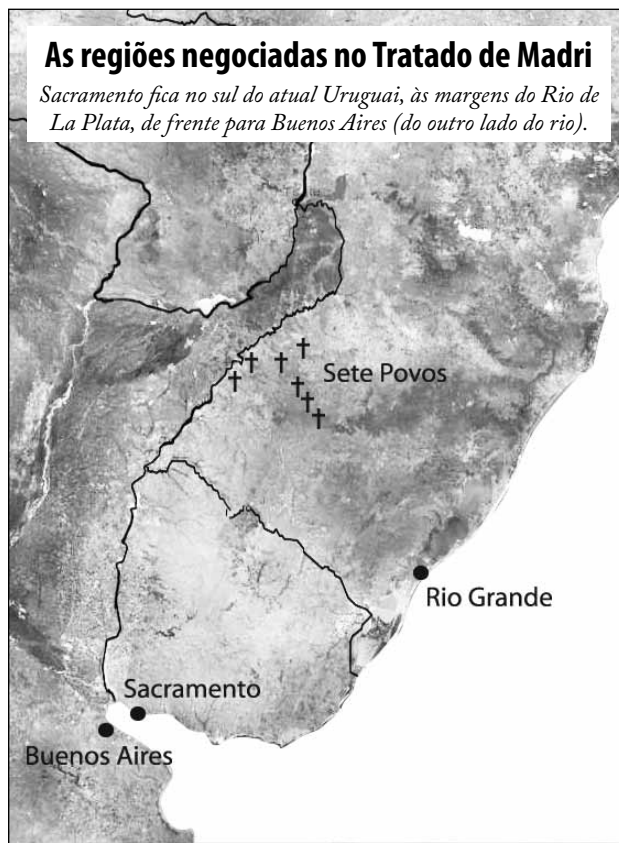
Explode a guerra

A partir de 1750, portugueses e espanhóis começaram a fazer a demarcação das fronteiras, mas após alguns anos muito confusos e de tentativas de transferir grupos indígenas, estourou a guerra. Em fevereiro de 1754, os índios se rebelaram contra os colonizadores e começaram a atacar os grupos demarcadores.

Diversos grupos indígenas das reduções começaram a rebelião, mas os dois mais famosos foram Sepé Tiaraju e Nicolás Nenguiru. Aconteceram muitas lutas durante dois anos (1754 e 1755) até que Portugal e Espanha enviaram seus exércitos para atacar e debelar a revolta.

A vitória dos ibéricos

Em 1756, os portugueses enviaram um exército de 1.000 homens armados com mosquetes e canhões, e os espanhóis enviaram outros 1.500. O exército ibérico unido encontrou a resistência guarani composta por 1.500 índios armados liderados por Sepé Tiaraju. Ele foi morto numa emboscada pouco antes do combate, enquanto liderava ataques de guerrilha. A luta final foi chamada “Batalha de Caiboaté”, ocorrida perto da atual São Gabriel (RS), quando o exército guarani foi derrotado e a maior parte morta, sobrando apenas 127 índios aprisionados.



Ruína final das missões jesuíticas

As reduções continuaram existindo, mas muito fragilizadas. Naquele tempo, os jesuítas estavam sofrendo uma forte oposição na Europa, acabando por ter rompidas as relações com Portugal e, depois, Espanha. A Companhia de Jesus foi expulsa de Portugal em 1759 e da Espanha em 1767, dando fim ao sistema das reduções nas colônias da América.

Muitos dos índios missioneiros (que eram guaranis na origem, mas cristianizados pelos jesuítas) passaram a vagar e trabalhar com gado em diversas estâncias, vindo a fazer parte do grupo miscigenado de gaúchos – os peões dos pampas rio-grandenses. Outros, que ficaram nas reduções, foram sendo reconduzidos para assentamentos, nos quais trabalhariam como empregados dos portugueses.

Bibliografia:

FLORES, Moacyr. Colonialismo e missões jesuíticas. Porto Alegre: EST / Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul, 1983.
NEUMANN, Eduardo Santos. A fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande – Século XVIII. In: GRIJÓ, Luiz Alberto, KÜHN, Fábio, GUAZZELLI, César A. Barcellos, NEUMANN, Eduardo Santos (org.). Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 25-46.
VERÍSSIMO, Érico. O tempo e o vento, parte I: O Continente I. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ATIVIDADE

Abaixo há uma citação do romance *O Continente* (da série *O Tempo e o Vento*), de Érico Veríssimo, que trata da Guerra Guaranítica. Leia com atenção e responda as perguntas em uma folha de caderno:

1) A primeira parte do texto mostra a conversa do cura (um auxiliar religioso do catolicismo) com o padre Alonzo. Quais as expectativas de cada um deles em relação à guerra que estava acontecendo? Ou seja, como o cura (que é índio) está vendo a guerra, e como o padre (que é espanhol) acha que vai acabar?

2) Quem era a lenda e ídolo a que o padre Alonzo se refere?

3) No último parágrafo há a descrição da estratégia de Sepé Tiaraju. Como era sua tática? Era de uma guerra normal, em que dois exércitos estão se enfrentando, ou era diferente? Justifique suas conclusões.

Entregue a folha com as respostas para o professor. Esta atividade vale nota.



SEPÉ TIARAJU é símbolo de heroísmo até hoje. Esta estátua foi erigida na cidade de São Luiz Gonzaga. Já o município de São Sepé tem este nome também em homenagem a Sepé Tiaraju. Detalhe: ele não é um santo católico; foi considerado santo pela expressão popular.

Há quem diga que ele nunca existiu; de qualquer forma, é difícil separar o que é histórico da lenda no caso dele.

Fora aquela uma guerra cheia de armistícios prolongados, durante os quais os otimistas nos Sete Povos chegaram a dizer: “O inimigo compreendeu afinal que não nos pode vencer. Um exército como o nosso, que tem chefes como Nicolau Languiru e Sepé Tiaraju, jamais poderá conhecer a derrota”.

Um dia o próprio cura dissera a Alonzo:

– É bem possível que as coisas vão ficando como estão e que nós, pela graça de Deus, possamos continuar em nossas terras.

Alonzo, porém, sacudira a cabeça, que aqueles anos de provação haviam embranquecido, e murmurara:

– Não creio. Eles estão apenas a preparar o ataque final. – Disse isso e mentalmente acrescentou: “Queira o bom Deus que eu me engane”.

Mas não se enganava. Os exércitos unidos de Portugal e Espanha gastaram quase três anos em aprestos para a batalha decisiva.

E durante esse áspero triênio acontecera algo que deixara Alonzo intrigado e presa de inquietadoras dúvidas. É que desde o primeiro encontro entre os índios e a partida demarcadora nas proximidades de Santa Tecla, ele assistira ao nascimento e ao desenvolvimento duma lenda e dum ídolo.

(...)

Um dia os povos tiveram notícia dum hábil ardil de Sepé [Tiaraju]. Espalhou ele pela margem direita do Jacuí, onde os adversários se achavam acampados, algumas cabeças de gado e, isso feito, emboscara-se com seus índios. Ao verem os animais soltos, os soldados portugueses e espanhóis exultaram e, na perspectiva duma presa fácil, saíram desarmados a repontar o gado. Foi então que Tiaraju saiu do esconderijo com sua gente e os dizimou.

(*VERÍSSIMO*, pg 81 e 83)